

'NÃO DÁ NADA, SE DER, DÁ POUCO': O 'ESPAÇO ESPIADO' DOS ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO USUÁRIOS DE CRACK EM PONTA GROSSA, PARANÁ¹

'Gives Nothing, If Give, Give Little': The 'espaço espiado' of adolescent boys crack users in Ponta Grossa, Paraná

Heder Leandro Rochaz

Universidade Estadual de Ponta Grossa
emaildoheder@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho é compreender a instituição de espacialidades relacionadas ao uso de crack e vivenciadas por adolescentes do sexo masculino moradores de periferias de Ponta Grossa, Paraná. Foram realizadas seis entrevistas em profundidade com adolescentes em tratamento na Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro utilizando um roteiro semiestruturado, as falas foram transcritas de maneira direta e separadas em categorias discursivas sistematizadas a partir de um banco de dados rendendo 397 evocações. A própria conceitualização de espaço/espacialidade é tensionada e a ideia de 'espaço espiado', elaborada (a partir da corporalidade advinda do uso de crack) para dar inteligibilidade ao fenômeno objeto dessa pesquisa.

Palavras-chave: Espaço; Crack; Adolescentes; Masculinidades; Posicionalidade.

Abstract

The aim of this study is to understand the institution of spatiality related to the use of crack and experienced by adolescent boys living in the suburbs of Ponta Grossa – Paraná. We conducted six in-depth interviews with adolescents in treatment in the therapeutic community of Marcos Fernandes Pinheiro, by means of a semi-structured script. The speeches were literally transcribed and organized into systematic discursive categories from a database, resulting in 397 evocations. The very conceptualization of space/spatiality is tensioned and the idea of 'espaço espiado' (spied space) is elaborated (arising from the corporeality of the use of crack), rendering intelligible the phenomenon that is the object of this research.

Keywords: Space; Crack; Adolescents; Masculinities; Positionality.



Introdução

O fio condutor desta investigação é o seguinte questionamento: como o uso de crack institui espacialidades vivenciadas por adolescentes do sexo masculino na cidade de Ponta Grossa, Paraná? A questão do uso de drogas, mais especificamente o uso de crack por adolescentes do sexo masculino, surgiu no âmbito de uma efervescência midiática em torno da campanha presidencial do ano de 2010 onde, pela primeira vez, o uso de drogas por jovens e adolescentes foi alvo explícito de plataformas eleitorais presidenciais, enquanto um problema de saúde pública e não apenas como um produto secundário do tráfico de drogas, associado aos temas de segurança pública.

O cenário nacional já apontava para uma discussão mais profunda sobre o uso de drogas na sociedade brasileira e, no mesmo sentido, as pesquisas de Chimin Junior (2009) e Rossi (2010) desenvolvidas em Ponta Grossa, Paraná, junto ao Grupo de Estudos Territoriais (GETE), publicadas em artigo de 2010 na Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, por Junior e Silva (2010), sob o título de *'Espaço, atos infracionais e a criação social dos adolescentes em conflito com a lei'*, evidenciando uma estreita ligação entre atos considerados 'infracionais' cometidos por jovens e adolescentes e a dependência química, o primeiro como derivação do segundo. Essas pesquisas estiveram preocupadas em estabelecer uma relação entre o espaço e os atos infracionais cometidos por adolescentes do sexo masculino. Contudo, a posição de autores de atos infracionais mostrou-se contraditória em levantamento realizado na Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos da Polícia Civil de Ponta Grossa, entre os anos de 2005 e 2007, onde estes adolescentes, na maioria das vezes, além de autores, eram vítimas da

dependência química.

Segundo Chimin Junior (2009), “embora os dados da Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxico da Polícia Civil de Ponta Grossa apontem para penas 6% de infrações que estão ligadas ao porte e uso de drogas, pode-se afirmar que todos os adolescentes entrevistados eram usuários de drogas” (CHIMIN JUNIOR, 2009, p. 66). O autor aponta para um problema encontrado nos processos analisados, pois, vários adolescentes que são notificados cometendo atos infracionais como furto e roubo, por exemplo, tem como motivo ao ato, a dependência química. Mas, para a delegacia, o que fica registrado é o 'tipo' de ato infracional cometido e essas pessoas são encaminhadas às medidas judiciais e não de tratamento. Ainda, segundo Chimin Junior (2009), 49% dos relatos de dependência química nos processos analisados estavam relacionados ao crack.

O desenvolvimento da pesquisa só foi possível estabelecendo uma parceria entre o GETE e a organização responsável pela gerência da Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro, o Esquadrão da Vida Teen, que é vinculado a Igreja Cristã Presbiteriana (ICP). As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado, o que não significa que as entrevistas estiveram condicionadas ao roteiro como em um questionário fechado. Devido ao caráter situacional do momento, cada entrevista seguiu um caminho. As entrevistas foram realizadas durante os meses de maio, junho e julho de 2012 e dentro do universo de 24 adolescentes atendidos pela casa. Naquele momento foram realizadas seis entrevistas, número que já alcançou a saturação das evocações nos relatos, assim como recomenda Sá (1996). As entrevistas foram transcritas de forma literal e todas elas realizadas na Comunidade Terapêutica, em uma sala onde ficamos eu e o entrevistado.

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

As perguntas foram indutoras de respostas impregnadas de simbolismo e classificadas tanto por frequência de evocação, como por sentido que a palavra tomou no contexto da fala do entrevistado, conforme a proposta de Bardin (1977).

Para obter maior controle sobre as categorias discursivas foi criado um banco de dados que totalizou um volume de 397 evocações e permitiu construir um mapa de significados discursivos dando sentido as formas de relação que esses meninos desenvolvem com o crack. Ainda, sobre as entrevistas, uma informação importante é que para sua realização, foi necessária uma solicitação formal ao Juizado da Vara da Infância e Juventude de Ponta Grossa, Paraná e, somente após a liberação por parte do juizado, é que as entrevistas foram realizadas.

O processo de pesquisa é sempre um jogo tenso que se estabelece entre pesquisador e pesquisado. Ambos se transformam no processo de pesquisa onde anseios e medos são também confrontados. O sujeito se encontra em meio a múltiplos cruzamentos momentâneos na hora da entrevista, elaborando as representações sobre o mundo. Ou melhor, se na fenomenologia o ser constrói representações 'do mundo', para Bergson (1997) as próprias representações são 'o mundo', construído, elaborado e praticado.

No 'ser-na-paisagem' de Dardel (2011), é impossível tirar o 'ser' da paisagem. As representações que fazemos são em relação ao mundo, ancoradas no mundo, no espaço, ou como Bergson (1997) denuncia, são o próprio mundo. Se mudarmos o espaço, as representações e os agenciamentos possíveis passam a ser outros, porque as espacialidades que compõe a vivência das pessoas não são passíveis de totalização. Muitas espacialidades coexistem em temporalidades diferentes, possuem lógicas outras. Assim, este trabalho evidencia um mundo alternativo,

o mundo dos adolescentes homens usuários de crack e as espacialidades vivenciadas.

As Espacialidades Vivenciadas pelo Uso de Crack e os Adolescentes do Sexo Masculino

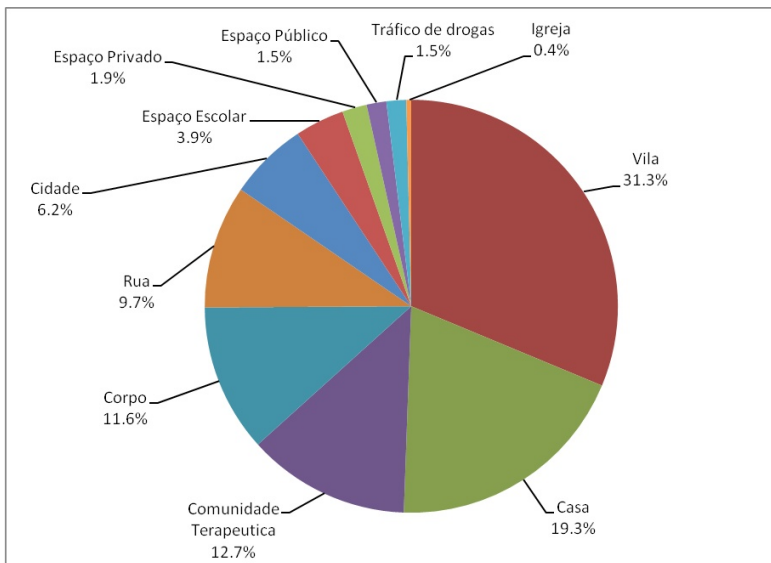
As entrevistas foram carregadas de emoção, em muitos momentos precisaram ser interrompidas por lágrimas - dos sujeitos e do próprio pesquisador. Ao lembrar de histórias do cotidiano os adolescentes criam uma representação, criando a própria realidade, em uma expressão da relação entre sujeito e mundo. Através dos símbolos evocados as coisas podem ser (re) significadas infinitamente e ainda continuar com referenciais - espaciais, pois o reconhecimento criativo leva a relação com o outro e com o mundo. O que garante a natureza criativa da atividade simbólica é a referência de mundo, é a ancoragem com o espaço, pois podem ser reformuladas infinitamente.

As evocações foram organizadas a partir do espaço onde as falas estavam associadas, isso quando havia uma ligação direta ou indireta a determinado espaço/espacialidade e que fui capaz de captar na sistematização. Do total de evocações encontradas nas entrevistas as principais associações podem ser visualizadas abaixo (gráfico 1):

Assim, surgiram categorias espaciais como vila, casa, rua, cidade, tráfico de drogas, espaço escolar e espaços privados (mocós). 'Espaço público' está separado de 'rua' porque está mais relacionado a parques públicos, praças, etc. O 'Tráfico de drogas' (1,5% das evocações) se refere a rede do tráfico de drogas que se estabelece em escala regional de atuação, envolvendo cidades e Estados. 33% do total de evocações foram considerados como 'sem vínculo espacial direto', ou seja, tratavam de valores, ideais, vontades em relação ao futuro, entre outras

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

Gráfico 1. Evocações com referência a espaços vivenciados.



coisas, mas de forma direta não citavam espaços e não serão abordadas neste trabalho.

No sentido de construir um mapa não definitivo e aberto, onde alguns agenciamentos podem ser visualizados, uma teia de relações é organizada a partir de alguns fenômenos que coexistem em temporalidades diferentes e que positivamente influi na vivência desses meninos. Um esquema geral foi elaborado a partir das entrevistas com os meninos, onde a violência, o uso de drogas, o roubo, a morte, o tráfico de drogas, a recaída e as relações de poder são espacialidades que constituem uma elaboração de mundo alternativa. Esta seção traz, para o discurso científico, as espacialidades instituídas pelo uso de crack e o mundo 'espiado' dos adolescentes usuários de crack do sexo masculino.

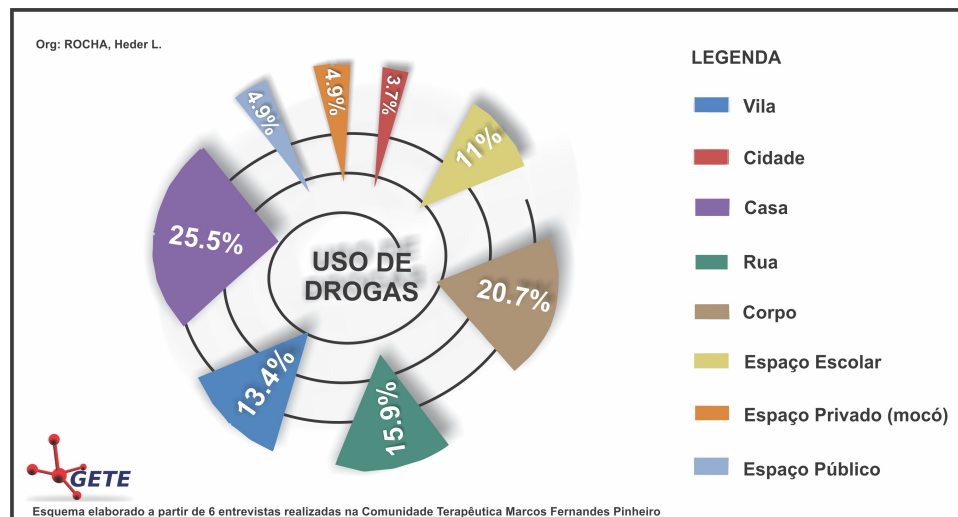
A multiplicidade das experiências dos adolescentes usuários de crack que vivenciam os 'espaços espiados' levou à necessidade da organização de elementos que superasse a

ideia de escala espacial hierarquizada, mas que possibilitasse um esquema múltiplo e plurilocal do grupo. A estrutura discursiva construída a partir da entrevista trouxe algumas categorias importantes como uso de drogas, relações de poder, tráfico de drogas, morte, roubo, violência e recaída.

Cada uma das categorias discursivas está calcada em determinadas espacialidades, conforme pode ser visualizado na sequência de figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. Cada categoria está relacionada a espaços que são mais ou menos significativos na vivência dos adolescentes. Assim, por exemplo,

na categoria 'uso de drogas' a casa aparece como significativa, enquanto na categoria 'tráfico de drogas' a vila ganha importância e assim por diante. A figura abaixo explora a vinculação do 'uso de drogas' e suas espacialidades.

Figura 1 – Espacialidades do uso de crack.



O uso de drogas é pulverizado em muitos espaços. Na casa e no corpo, na rua e na vila, na escola e nos mocós, no espaço público e na cidade, as drogas estão em toda parte e

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

mesmo assim, seu uso é considerado como desvio, patologizado pelo exame, observado pela normalidade e adestrado por instituições disciplinares, nas palavras de Foucault (1996). Enfim, ele é controlado. Na instituição da família (na casa – espaço privado), ocorrem coisas obscuras, pois este espaço é lembrado em todas as categorias de evocações, é cortado por todos os fenômenos do mapa. Na casa a multiplicidade é exercida, pois o tráfico de drogas, a morte, os roubos, a recaída, a violência e as relações de poder coexistem simultaneamente com os laços familiares.

A casa é o espaço mais lembrado em relação ao uso de drogas (25,6%), mas o corpo surge também de forma central, com 20,7% das evocações. O espaço escolar (11%) e os ‘mocós’ (4,9%) aparecem nas evocações associados as relações de poder, o que não ocorre por acaso, uma vez que instituições como a casa e a escola exercem a disciplina. Já os ‘mocós’ são os espaços de uso do crack e outras drogas. É o próprio espaço desviante que serve a outros interesses. Um ‘mocó’ pode ser um terreno baldio, uma casa qualquer, pode ser uma rua, uma esquina, uma moita.

As relações de poder atravessam muitos espaços, assim como o uso de drogas, porque como vimos anteriormente, o poder é um feixe de relações que

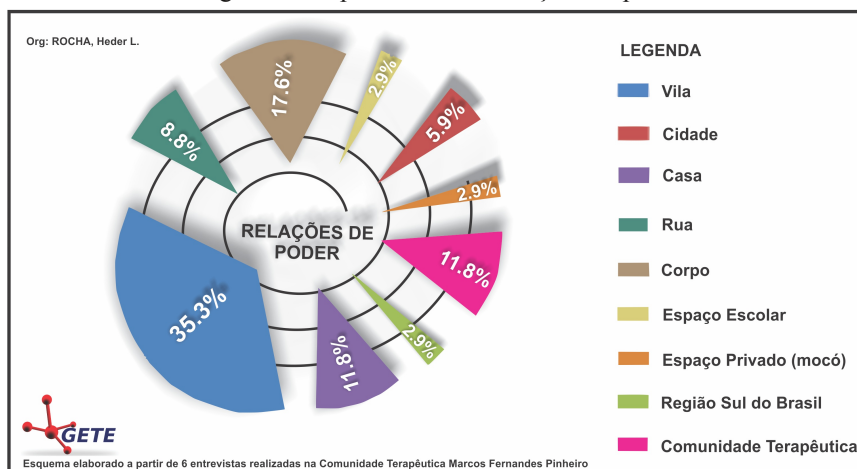
pode ser exercido em qualquer direção, em qualquer espaço. Abaixo (figura 2) podemos ver a que espaços essas relações estão relacionadas.

Os espaços do corpo (17,6%), da escola (2,9%) e dos ‘mocós’ (2,9%) surgem, somente, associados as relações de poder e ao uso de drogas. O que é central nas relações de poder é que elas são estabelecidas na vila, com 35,3% das evocações. Algumas instituições associadas as relações de poder, como a Comunidade Terapêutica (11,8%) e a casa aparecem com a mesma porcentagem. Contudo, quando mapeamos as relações de poder, o próprio tráfico de drogas surge como um espaço.

O tráfico de drogas aparece em dois momentos, o primeiro relacionado as relações de poder (2,9%). Já no segundo, o tráfico de drogas é entendido enquanto um espaço associado a um fenômeno maior. Isso ocorre porque o tráfico de drogas não segue uma lógica arbórea de duplicação, ele se estabelece de forma rizomática, quase que subterraneamente aos olhos dos aparelhos de Estado. Ele possui pontos, mas é uma grande rede de temporalidades não mapeáveis e confluentes. O local onde é vendido o crack (‘boca’) recebe a droga de outro lugar e essa distribuição é realizada a partir de um esquema de logística complexa que atende a uma temporalidade. Já o uso e a venda direta de crack pelos adolescentes acontecem em outro tempo. Acontecem no tempo entre uma pedra e outra, entre a vontade de fumar e os

agenciamentos realizados para que essa vontade seja satisfeita. O tráfico de drogas também é a multiplicidade. Abaixo (figura 3) podemos visualizar os espaços relacionados a esse fenômeno.

Figura 2 – Espacialidades e relações de poder.



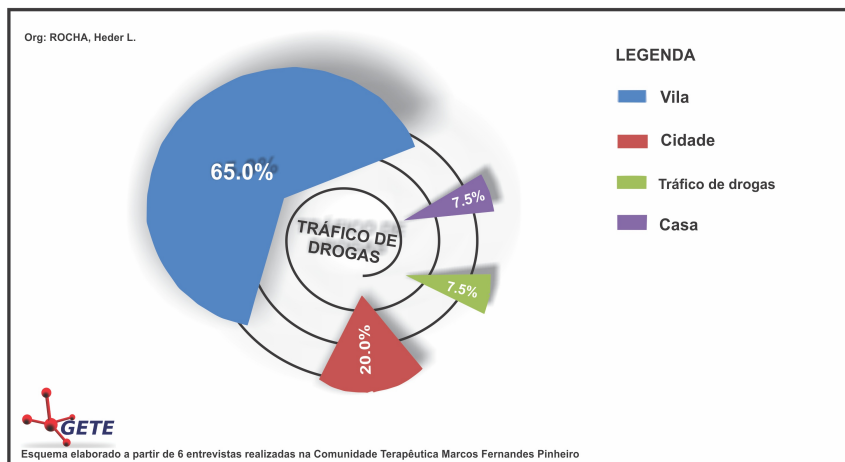
'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

O tráfico de drogas se estabelece principalmente na vila, mas está presente nas casas e na cidade como um todo. A multiplicidade deste espaço é inesgotável, porque é lá que as coisas acontecem, é

nela onde estão os amigos, ela própria é a 'quebrada' de cada dia. Não existe possibilidade de ir para o centro da cidade sem passar pela vila. Por outro lado, não podemos retornar para a casa sem antes entrar na vila. Nela todos são anônimos, pois saem dos espaços privados para o que não é um espaço público, porque todos, de uma forma ou de outra, conhecem os moradores. A vila é o meio, é o próprio rizoma² de Deleuze e Guattari (1995). É aberta, pode sofrer modificações, mas será sempre a vila nossa de cada dia, aquilo que existe entre ela, portanto, começa a surgir como algo importante nas espacialidades, porque quando adicionamos a morte em nosso mapa, eis que a vila surge novamente como o espaço mais associado.

Morte enquanto fenômeno, risco e prática. Em relação a ausência de vida, ou presença - de um corpo morto. Abaixo (Figura 4) podemos ver que a morte surge

Figura 3 – Espacialidades do tráfico de drogas.



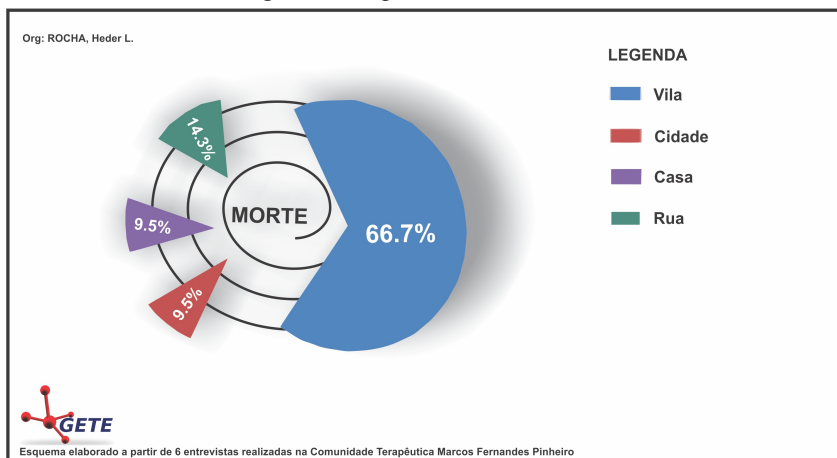
relacionada a vila, principalmente:

A morte surge também associada a rua, a casa e a cidade. Essa última, a partir de agora, não será mais lembrada, surge apenas nas

espacialidades

já trabalhadas. Em contrapartida, a rua só não está presente de forma direta (pelas evocações) em relação ao tráfico de drogas. Mas se entendermos que a vila é composta por ruas e casas, a rua é também um espaço bastante importante nas espacialidades. A morte ou a estruturação do risco de morte é bastante importante em relação ao que se espera do futuro. Como vimos anteriormente, se esperam muitas coisas do futuro e essa virtualidade está relacionada com a expectativa de se viver. Se a casa é pouco lembrada em relação a morte, para outros acontecimentos ela é fundamental, é onde, por exemplo, a maioria dos roubos acontece seguindo duas linhas principais de evocações: a casa dos pais e a casa dos outros, aquelas da

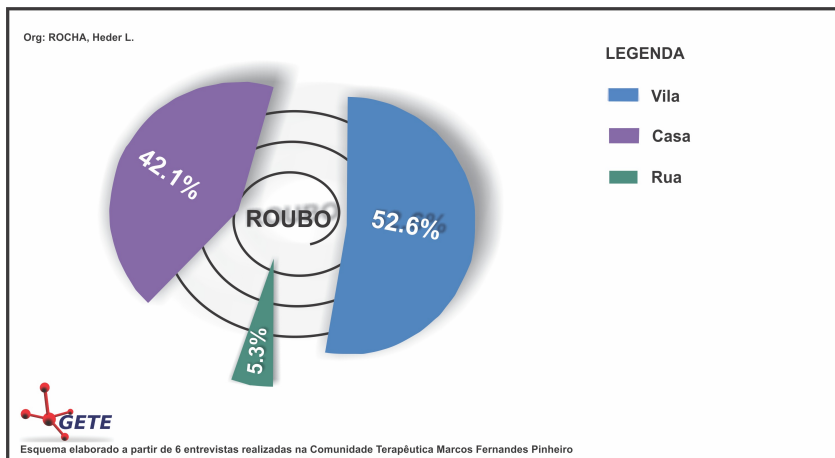
Figura 4 – Espacialidades da morte.



'vila'. Abaixo (Figura 5) podemos ver os espaços onde o roubo pode ser praticado:

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

Figura 5 – Espacialidades do roubo.



Se a prática do roubo pouco acontece na rua, o uso da violência é ativado principalmente nesse espaço (Figura 6). Na verdade, na rua, a grande maioria das evocações está relacionada a violência (66,7%), mas quando visualizamos esse quadro não podemos pensar que os meninos são violentos, pelo contrário. Quando observamos como essa porcentagem é criada, fica claro que o uso de violência é um agenciamento pouco utilizado como prática, porque na maioria das evocações que compõe a categoria violência, ela é sofrida (66,7%), principalmente a partir de policiais.

A violência também compõe o cotidiano em 22,2%, mas aqui está relacionada aos outros. Por fim, em apenas 11,1% das evocações, a violência é praticada, principalmente como agenciamento no tráfico de drogas quando na cobrança de dívidas, no que é conhecido como um ato de 'acelerar' a pessoa com dívidas, estando relacionada principalmente a morte – enquanto prática. Abaixo é possível observar como a violência surge nas entrevistas:

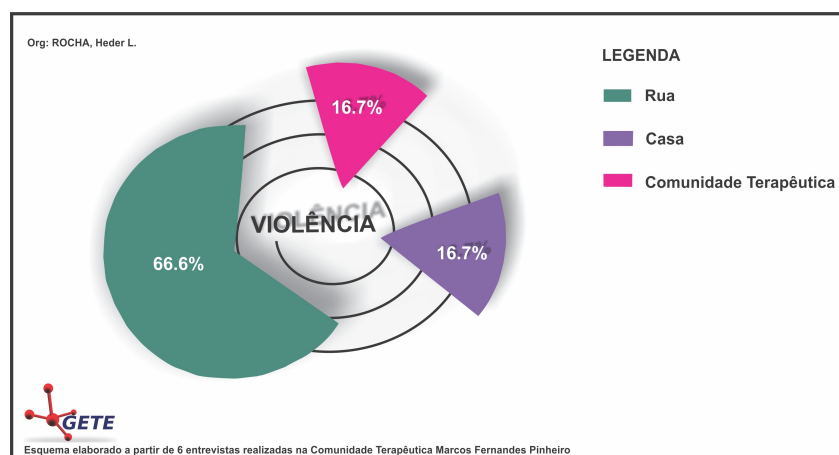
A comunidade terapêutica surge relacionada apenas à

violência e às relações de poder. Na instituição o uso da violência ocorre em relação aos outros internos como uma forma de imposição de respeito, mas também, para com os educadores, como visto anteriormente. Se na rua é onde a violência ocorre em maior porcentagem, principalmente como prática de policiais, obviamente que a vila não será evocada, pois a rua está na vila. É na vila onde, inclusive, alguém

pode tanto nos defender em conflitos quanto nos inserir no tráfico de drogas, é onde a recaída ao uso de drogas pode ser facilitada por amigos, colegas e conhecidos.

Assim, o mapa ganha uma forma onde a centralidade tende não para um fenômeno, mas sim para uma escala do cotidiano, para um espaço que é feito de espaços. É uma centralidade sugerida, onde a multiplicidade coexiste. Na vila é onde começa o uso de drogas e o desvio tem seu pontapé inicial, justamente porque são áreas onde os aparelhos de Estado não conseguem manter uma vigilância total. Nas periferias urbanas, a normalidade é desviada durante o primeiro uso de crack e, contraditoriamente, para onde os corpos disciplinados e dóceis, corrigidos

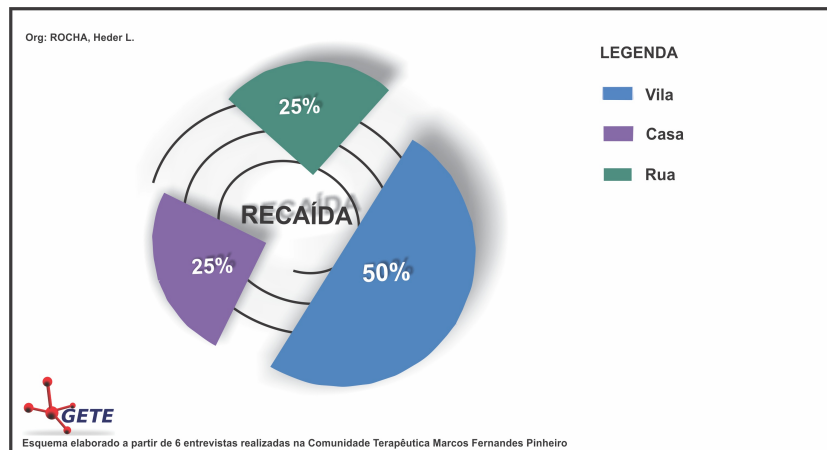
Figura 6 – Espacialidades da violência.



'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

após o tratamento, são devolvidos:

Figura 7 – Espacialidades da recaída.



A engrenagem do uso de crack começou a rabalhar nove meses antes. Ocasionalmente, quando surgir a oportunidade de uso após o tratamento, estes corpos teoricamente reajustados provavelmente vão desviar a normalidade novamente, porque tendem a isso, porque não podem ser 'consertados'. Somos justamente a partir de experiências, de espacialidades. Mesmo que elas mudem sua configuração vão permanecer virtualmente, até porque as drogas estão em todos os cantos de nossa sociedade, mascaradas como lícitas e ilícitas. É quase que uma disputa, um esforço cotidiano de resistência, para aqueles que um dia foram considerados como viciados.

Aqui, a abordagem deixa de ser no sujeito ou no objeto, passa a ser na multiplicidade. O sujeito deixa de existir de forma unimaterial ou subjetiva, porque está em meio a uma confluência de fenômenos que se constroem em temporalidades diferentes. Esse mundo agora ganha vida própria, não é mais apenas o sujeito, mas sim o mundo que ele criou durante a entrevista, o mundo 'espiado'.

A fluidez e o trânsito espacial representado foram inspirados na ideia de 'rizoma', porque não há uma hierarquia determinista entre as

espacialidades, mas sim uma interdependência que se faz continuamente a partir das experiências relatadas pelos adolescentes. As figuras que detalham as categorias discursivas e a sua relação com o espaço acabam por constituir uma síntese das espacialidades dos usuários de crack, aqui chamado de mapa (Figura 8).

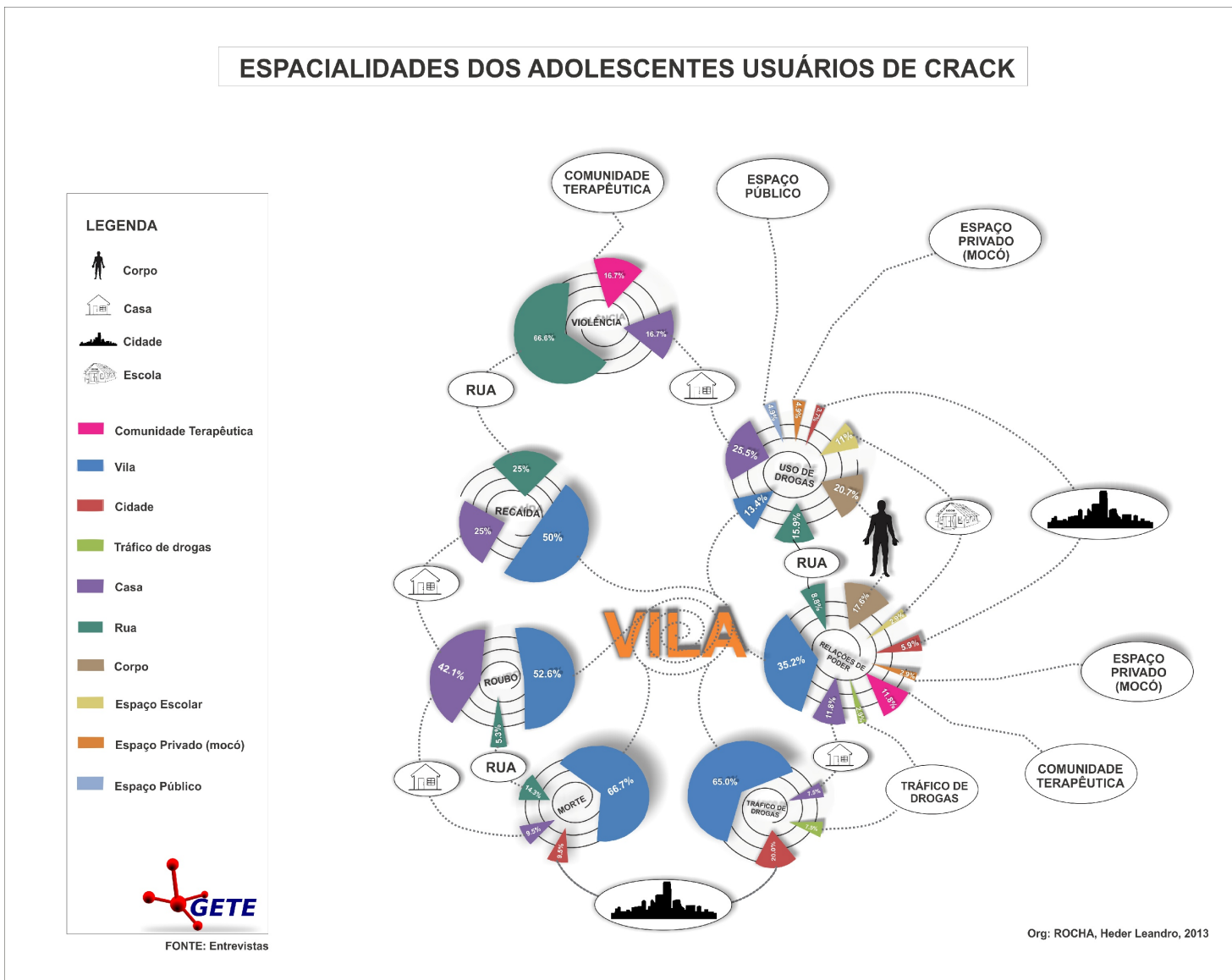
O mapa das espacialidades vivenciadas pelos adolescentes do sexo masculino usuários de crack possui uma centralidade espacial discursiva que é a vila. A vila condensa boa parte das vivências e compõe as categorias que foram evocadas em seu discurso. Entretanto, este mapa deve ser visualizado de forma processual, relacional e interdependente.

Cada categoria evocada traz uma experiência vivenciada pelos adolescentes e estão simultaneamente em todas as escalas. Uma escala se destaca no fenômeno especificamente relatado: a vila.

As possibilidades de retorno à vida social são marcadas por preocupações com a recaída, principalmente em determinados espaços que irremediavelmente terão que vivenciar. O crack estando presente em todos estes espaços se transforma em algo a ser evitado, mas essa opção gera certos constrangimentos. Esta pressão vem, muitas vezes, de conhecidos, parentes e até mesmo de amigos que residem na Vila. As redes de amizades que se estabelecem neste recorte espacial são fortes, tal qual evidenciado no artigo de Ferret, Baylina e Ortiz (2012), intitulado de '*Los lugares de la amistad y la vida cotidiana de chicas y chicos adolescentes en un barrio de Barcelona*'. Com um estudo de caso no bairro de Besòs em Barcelona (Espanha) as autoras mapearam as redes de amizade, os espaços onde os adolescentes se relacionam dentro do

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

Figura 8 – Mapa das espacialidades vivenciadas pelos adolescentes.



bairro, os tempos e lugares da amizade e demonstram que as redes de amizade surgem como uma categoria importante na intersecção entre raça, gênero e classe dentro das práticas sociais e espaciais de adolescentes do sexo masculino e feminino daquele recorte espacial.

As espacialidades vivenciadas pelos sujeitos dessa pesquisa ocorrem em uma multiplicidade de escalas espaciais e temporais que extrapolam o recorte da Vila, que lá é centralizada. Por isso, essa prática

espacial foi aqui chamada de ‘espiada’, pois o comportamento relacionado ao uso do crack é assim chamado pelos meninos, associado a sensação de perseguição/fuga e, ao mesmo tempo, prazer/insegurança. O espaço ‘espiado’ é, então, um constante acontecimento, é uma confluência de espacialidades que se estabelecem em temporalidades diferenciadas.

O uso e o tráfico de drogas, a morte e a violência, os roubos, o jogo de relações de poder e a recaída são práticas que se

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

estabelecem espacialmente. Cada sujeito configura essas práticas espaciais de uma forma, agenciando certos elementos mais incisivamente que outros, contudo, todos eles coexistem em tempos diferentes. O roubo e tráfico de drogas, por exemplo, se estabelecem em temporalidades distintas. O roubo é momentâneo, já o tráfico obedece a outra lógica. Mas de qualquer forma, todas coexistem na vila, na casa, na rua, no corpo, enfim, em todas as escalas espaciais vivenciadas pelos adolescentes homens usuários de crack.

O Uso de Crack, o Corpo e as Relações de Poder

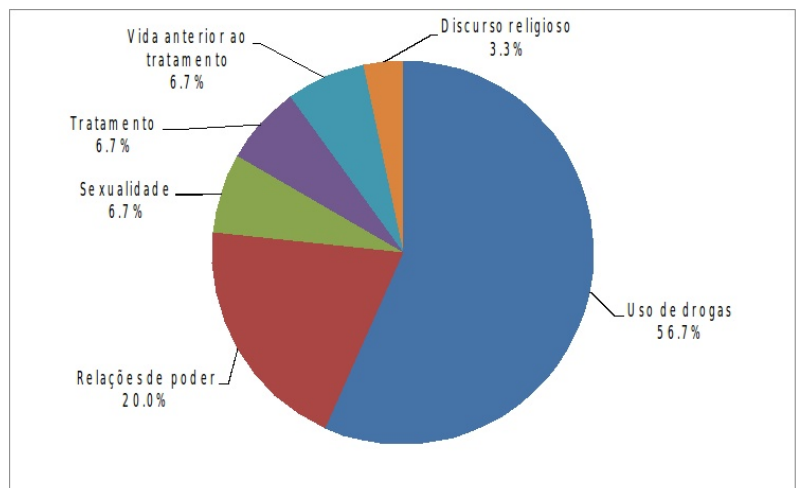
Cada espaço/espacialidade possui sua configuração local de poder, entre o que é mais importante e o que é menos. Foucault (1979) concebe o poder como um feixe de relações provindo de todas as partes, na relação entre um ponto e outro. Essas relações podem destruir grandes sistemas de dominação ou mantê-los, porque são dinâmicas e móveis, relacionais. Ao mesmo tempo em que se apoiam em pontos de resistência são alvo, porque o poder para este autor está em todas as partes:

não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E 'o' poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apóia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las (FOUCAULT, 1979, p.103).

O corpo – que surge com 11,6% das evocações como mostrado no início do texto – como traz Foucault (1966), é o lugar de onde não podemos escapar porque estamos presos a ele, é uma jaula que estará

exatamente onde estivermos. A partir dele, todas as outras escalas espaciais são vivenciadas. Mas também é através das grades que nos prendem a essa jaula que falamos, somos vistos e podemos ver. No gráfico abaixo (Gráfico 2) podemos ver a que o corpo está associado para os adolescentes sujeitos dessa pesquisa:

Gráfico 2 – Evocações relacionadas ao Corpo.



Em 56,7% das evocações, o corpo está associado ao uso de drogas e ligado a fuga da norma e da regulação, ou melhor, de sua transgressão. Mas o uso de crack, por sua vez, leva a um comportamento específico bastante influenciado pelas relações de poder (20%). Isso ocorre porque ao usar crack, o adolescente passa a ocupar o centro das relações de poder, já quando está a procura da droga se torna margem. Nessa perspectiva, de transitoriedade, as ideias da geógrafa Gillian Rose (1993) a partir da proposta do 'espaço paradoxal', os sujeitos estão em contínua construção e afirmação dos elementos que os constitui, onde categorias como sexualidade, idade e classe, por exemplo, são cotidianamente experienciados e postos a prova. A esse caráter do espaço paradoxal dá-se o nome de 'multidimensionalidade'. Já ao movimento de transitoriedade e mobilidade dentro das relações de margem-periferia em

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

diferentes configurações espaciais dá-se o nome de 'plurilocalização'. Em pesquisa realizada com adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei na cidade de Ponta Grossa – PR, Rossi e Chimin (2009) conseguem mapear essa transitoriedade. Nesse trabalho ora os sujeitos ocupavam a centralidade das relações, (quando vistos como homens ‘fortes’ e ‘valentes’ pela própria leitura identitária que faziam enquanto sujeitos e enquanto grupo) e ora estavam à margem (enquanto sujeitos das periferias pobres, sendo denominados como ‘marginais’, ‘bandidos’). A complexidade desses movimentos surge porque mesmo sendo centro – durante o uso, perante a sociedade ele se torna margem, onde as representações sociais que incidem sobre o seu corpo de usuário de drogas são bastante negativas. O custo deste agenciamento pode ser caro, mas tencionando a norma com suas práticas os adolescentes do sexo masculino ao usar o crack a transgridem. O relato abaixo é pedagógico em relação a isso:

Primeiro eu comecei na maconha daí já passei pro cigarro já, fumei um ‘beck’³ daí já no outro dia de manhã acho que já fumei o cigarro. Daí fui indo né, meio viciado assim no ‘beck’ né, tipo todo dia tinha que fumar um ‘beck’ né. [...] Daí chegou um dia que não tinha maconha, daí tinha o cara que tava usando lá no canto assim, daí nós: poutz não tem ‘beck’ né cara, não tinha moeda pra compra, daí nós a vamos rapar essa lata aí e vamos fumar um ‘pitile’⁴ né cara, daí deu um ‘pitilão’ bem grande assim tal. Daí pol, fumemo né cara! Noossa, daí tal né cara. Foi a primeira vez que eu usei crack. Daí nossa né cara, fiquei meio assustado, me perdi tudo assim, tipo ficou bem cabuloso mesmo. A

sensação é bem sinistro cara, tipo a pira é você fazer, usar crack é você... causa dependência e tudo depois, mas tipo você se sente o cara por estar fazendo uma coisa que não pode entender. Entendeu qual que era a pira, tipo o crack, a droga não pode entender, daí a gente se sente, tipo vamos supor, igual lá, muito louco né cara. O cara: a o cara é muito louco, esse cara usa e tal. Tipo é sempre ta tipo cada vez mais falado e tal lá na quebrada entendeu, daí os cara... a gente usava por isso e tal. Se eu me preocupasse comigo mesmo nem usava e tal, mais pra se achar e tal, daí usei e tal né cara. (Grifo nosso -Entrevista realizada com Cavernoso em 06 de Maio de 2012).

Para Bourdieu (1999) as relações sociais são interconectadas pelo que ele denomina de 'capital simbólico'. Esse capital, por sua vez, pode ser adquirido, perdido, mantido, praticado, conquistado e reafirmado pelo conjunto de práticas sociais (ou o que o autor chama de *habitus*) do próprio grupo. Bourdieu (1999) parte de uma perspectiva de estratificação social onde quem está no topo – a elite – não teria poder de dominar a população como um todo, mas teria poder simbólico suficiente para legitimar sua posição, a partir de seu 'capital simbólico'. Segundo ele, o *habitus* caracteriza determinado grupo social em relação aos outros grupos, funcionando como um sistema “de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes” (BOURDIEU, 1999, p. 88) que geram e organizam as próprias práticas e representações sociais a partir do poder. Poder que é simbólico, e que necessariamente precisa ser praticado por aqueles que o

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

detém, ao passo que os outros o legitimariam, porque justamente não o detém.

Na fala de 'Cavernoso', vista anteriormente, podemos observar um dos motivos para se usar crack, como também, um dos espaços utilizados para o uso. A casa onde moravam os dez 'cara homem' se estrutura como um 'mocó' (4,9% das evocações relacionadas a uso de drogas), que também pode ser outro espaço diferente de uma casa - uma moita, um barraco. Já o espaço público (4,9%) se diferencia de rua. São aquelas evocações relacionadas a terrenos baldios, praças, arroios, que diferem dos 'mocós' e não se referem a rua. A entrada para o tráfico de drogas pode ocorrer como uma busca de centralidade nas relações espaciais de poder. Mas o momento do uso em si é talvez um dos mais delicados e contraditórios. Juntamente à transgressão e a subversão da ordem surge a sensação de liberdade e de centralidade, a margem e o centro das relações de poder se cruzam frente ao sujeito, mas também em relação ao outro e entram em conflito num momento único. As quatro falas abaixo retratam isso:

Na hora assim que você começa a fumar assim sei lá, dava um... O coração acelerava assim tipo. A hora que você sopra assim, teu olho na hora assim, você já sente teu olho assim espiadão. Não tem uma sensação assim, a sensação é de medo assim. Medo assim de alguém querer pega você por trás e faz alguma coisa assim pra você (Entrevista realizada com Bola em 03 de Junho de 2012).

Ah sei lá cara, foi tipo assim, que nem se fosse como se eu tivesse no paraíso assim, uma coisa boa, primeira vez, mágoa, angustia do pai

assim ta ligado da coisarada. A primeira bola que eu dei nossa, senti uma emoção assim sabe: esse é o mundo que eu quero né cara, quero mais, quero mais daí fui fumando, daí eu fui me arrebrandando só que eu não conseguia olhar que aquilo lá tava me destruindo, que aquilo tava me levando para o mau caminho eu só queria mais e mais não tava nem vendo, roubava minha mãe, meu pai. O meu viver assim nossa cara, minha alta-estima foi abaixando cara, tinha vez assim que eu pensava só em morrer cara (Entrevista realizada com Véio em 28 de Junho de 2012).

*A primeira vez eu não senti nada assim. Não senti nada daí depois que eu fui vendo qual que era assim. Sabe a pira assim, o jeito que os caras ficavam, daí eu ficava junto com os piação, cabreiro. Ou as vez não né, ficava de boa assim sentado; Daí eu ficava paralisado assim. **Muda muito?** Depende da pedra também né, tem umas pedra ruim, umas pedras boa, ou depende da pessoa, junto da pessoa que você tá fumando assim né. Você vê a pessoa espiada você fica espiado, mas se você vê que a pessoa fica quieta você também fica quieto. Daí depende assim da cabeça dos outros né, tipo depende da tua mente assim né, você pensa em fazer alguma coisa assim você já... Alguma coisa que vem você já faz. Ou as vez você pensa: ó tem gente vindo, tem gente vindo. Daí você fica... (Entrevista realizada com Cavernoso em 06 de Maio de 2012).*

O comportamento relacionado ao uso de

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

crack é bastante recorrente nas falas e pode variar de sujeito pra sujeito ou de como ele ocorre. De maneira geral, o comportamento é chamado de 'espiado' pelos adolescentes e se refere a um estado de atenção (ao outro) potencializada e parece ser dividido entre físico e mental. Físico em relação ao corpo e mental em relação ao medo (perseguição). Essa divisão também é encontrada em um estudo realizado por Oliveira e Nappo (2008) junto ao Centro de Informações sobre Saúde e Álcool e ao CEBRID, ambos de São Paulo. Nesta ocasião, o comportamento psíquico relacionado ao uso de crack foi dividido em efeitos positivos e negativos. Os efeitos positivos comumente estão associados ao prazer, como visto anteriormente nos relatos. Já os negativos, são as alucinações, delírios, fissuras (incontrolável vontade de usar novamente), sensação de depressão e arrependimento, comumente associados a sensações de perseguição, resultando no quadro de paranóia, ou 'nóia' como apontam alguns adolescentes.

O comportamento derivado do uso de drogas gera corporalidades específicas. Oliveira e Nappo (2008) apontam algumas que estão diretamente relacionadas ao uso, despertando:

intenso medo e angústia no usuário e estimulando-lhe a adoção de comportamentos repetidos e atípicos que aliviem essa condição: abrir e fechar portas e janelas, apagar e acender luzes, buscar incessantemente por restos de crack que possam ter caído no ambiente de uso, entre outros (OLIVEIRA e NAPPO, 2008, p. 667).

O comportamento 'espiado' dos sujeitos dessa pesquisa advém de sensações bastante relacionadas ao medo. A fala abaixo caracteriza o que aqui se entende como

'espiado':

*Ah acho que pedra e pó é a mesma coisa, você espia assim, eu espiava não sei os outros, eu pra mim que nem se eu fumasse uma pedra com você eu podia ser teu amigo, andar todo dia com você, se eu fumasse uma pedra com você pra mim se você começasse a se mexer é porque você ia puxar uma faca ou um revolve pra me matar, sempre quando eu ia fumar eu já tava com o revolve assim cara, toda hora assim pá, fumava assim, dava um bola pá, ponhava a mão na cintura assim, ficava vendo o bagulho assim, você via as coisas que não tem nada a ver, que nem pegar e ir pro meio do mato assim, quando você via o mato tava se mexendo assim cara, da uma bola assim já pá, pensava assim que tinha alguém lá no mato, você via assim corria pra traz das árvores. Daí naquela hora você já: quem tá aí maluco, quem tá aí? E não tinha ninguém tá ligado, nem falava nada. **Quanto tempo demorava isso?** Ah eu dava uma bola ficava quase meia hora, fumava outra assim tá ligado, por causa eu se espiava só que eu mandava umas bola gigante assim também, nossa ficava assim, daí os cara falavam: ô não tem ninguém cara, fique de boa, nada a vê, só cabreragem, nada a vê, daí eu: cala boca mano, mandava o cara calar a boca, e ficava: cala boca mano, daí ficava olhando assim. **Nunca dava nenhum engano, nenhuma treta assim entre amigo?** Ah altas vez, de você puxar o revolve na cara do cara pensando que o cara tá na maldade. O cara mexia você já: ê maluco que que tá se coçando,*

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

porque o bagulho faz né cara a gente ficar espiado (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de Junho de 2012).

O uso da violência pode se tornar necessário para a conquista ou afirmação da posição de centro nas relações de poder, tanto durante o uso ou mesmo no tráfico de drogas (mais especificamente no ato da cobrança de dívidas), onde essa prática é mais recorrente. A violência para os adolescentes usuários de crack está relacionada a espaços associados a conflitos: Rua (66.6%), Casa (16.7%) e Comunidade Terapêutica (16.7%). Quanto a este último, a violência é relacionada a conflitos com os outros internos e também com os educadores. Já a violência relacionada a espaços, como Rua e Casa, pode parecer surpreendente, mas se alinha ao que discute Abramovay (2000). Esta autora considera a violência como um fruto da vulnerabilidade social, atingindo todas as esferas da vida, espaço público e privado. Para ela, a vulnerabilidade não surge da violência, pelo contrário, gera violência. Entendemos aqui a vulnerabilidade como exposição a esses fenômenos, nos espaços em que vivem em graus maiores e menores.

O Tráfico de Drogas, Violência e Morte

O tráfico de drogas está presente em diversos espaços do cotidiano dos adolescentes do sexo masculino em tratamento na comunidade terapêutica. Portanto, a rede do tráfico de drogas se assume como uma espacialidade. Os meninos se referem ao tráfico de drogas como um espaço⁵, sendo que 7.5% das evocações estão associadas a estrutura regional do tráfico de drogas (envolvendo cidades, Estados e Países), outros 7,5% ao espaço da casa, 20% a cidade e em 65% das evocações o tráfico de drogas estava associado à vila.

Chimin (2009) evidencia que as periferias

pobres da cidade de Ponta Grossa concentram um grande número de adolescentes classificados como 'em conflito com a lei'. Nestas áreas da cidade a presença do tráfico de drogas é intensa, porque as pessoas buscam no tráfico uma oportunidade de sustento econômico e uma fonte de dinheiro rápido. Muitas vezes, os meninos encontram um lugar onde são valorizados, respeitados. Dentro do tráfico podem ocupar cargos, responsabilidades e se as tarefas forem realizadas com competência conquistam o respeito dos outros traficantes. Os trechos abaixo são paradigmáticos em relação ao poder que o tráfico de drogas exerce na vida dessas pessoas:

Daí agora eu, os cara me olhavam assim: a esse cara não vale nada. O único lugar que eu era bem recebido era na quina né, pelos cara né, tratavam todo mundo igual lá (Entrevista realizada com Cavernoso em 06 de Maio de 2012).

...quando eu comecei no tráfico grande mesmo foi a partir dos quatorze, quinze eu já tava quase entrando pro PCC, com quinze anos, eu era bem dizer o flanela que diziam, até esperar o povo eu cortava droga, ia e buscava, fui crescendo, aí os cara falaram: oh quando você tiver com uns dezoito o Comando Vermelho já ta pronto pra te aceitar, beleza, ali eu já fui crescendo, querendo ser mais, entrava no carro, atirando nos outros, mostrar que eu era o tal (Entrevista realizada com Véio em 28 de Junho de 2012).

Meu camarada, meu irmão foi preso, daí um deles se conheceram, daí veio outro e se conheceram daí lá na cadeia, daí meu irmão saiu e pá de

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

*boas não deixou ninguém lá da vila descer lá na vila lá do piá, os piá ficava cobrindo todo dia lá pra ver os pia da vila, só que os cara não fumavam perto. Não fumavam e não queriam deixar fumar, eu eles não deixavam fumar, se pegasse fumando pedra, nossa mãe do céu. **Por causa da venda...** É por causa de vender com eles que nós conseguimos implantar forte. **Você ia muito pra outros bairros assim?** Ia um monte, todo dia, tinha moto nem parava ali na vila, ia pra tudo quanto é parte. **E tinha algum lugar que você não podia entrar.** Não, ia pra tudo quanto é parte, saía em três, quatro tudo com os béra lá. Depois que desceu a lei ali do Santa Maria não tinha mais essas treta assim de vila, desceu a lei lá de São Paulo, do PCC lá daí não tinha mais treta era tudo na paz só se foi jaguára, se o cara for cagueta ou estuprador, esses bagulho aí sim, mas se for de boas o cara não podia mexer com você. **E agora como é que tá?** Agora to susse, tá a lei do PCC ainda, o cara não pode mais esses bagulho de qualquer coisinha querer se matar, incendiar o outro, tá ligado querer incendiar a caminhada do outro, que nem falar que o cara é Jaguára e o cara não é, e daí todo mundo querer pegar o cara, não é mais assim agora, agora ta acomodado, agora é tudo na paz. **Até de acertar conta matando?** Aham, esses bagulho não tem mais só se o cara for pilantra. **Você falou o PCC e como é que chega esses cara aí?** Ah vem da cadeia né, os cara bate os fio da cadeia, de uma cadeia vem descendo pra outra, vem de Curitiba pra cá porque de Curitiba já vem outra. **É***

***forte essa rede de comunicação dos cara?** Ah é forte né cara. **O que acontece se não obedecer?** Ah os cara te batizam né cara se te batizar você não pode sair mais né, pode sair só se for pra virar pastor só, só pra ir pra igreja pode sair. **Se não, não sai?** É, se querer sair pra querer mudar de vida os cara de matam. **E daí no teu caso?** Ah no meu caso eu tava fumando um monte né, daí até os cara entenderam que tem que parar de fumar pedra, só que eu nem quero sair vender mais sussegado (Entrevista realizada com Bola em 03 de Junho de 2012).*

‘Palhaço’ aponta importantes elementos que estruturam o tráfico de drogas no Brasil, como por exemplo, a proteção exercida pelos traficantes para que os adolescentes não usem a droga que vendem; a comunicação que ocorre nas penitenciárias fazendo que lideranças do tráfico regional de drogas consigam organizá-lo mesmo de longe. ‘Palhaço’ evidencia como ocorre a comunicação entre penitenciárias fazendo com que as informações cheguem até as cidades, aos bairros e vilas. A lógica destes recortes espaciais se organiza em função dos acordos feitos pelos grandes traficantes, essa lógica demanda um maior aprofundamento e consiste em fértil tema de pesquisa em Geografia.

Quando ‘Palhaço’ se refere a um ‘cara jaguára’, importantes elementos de masculinidade são ativados, pois um ‘cara jaguára’ é um homem sem respeito, desleal, é um homem em que não se pode confiar, comparado com um estuprador. Um ‘cara jaguára’ deve ser ‘acelerado’ e para isso o uso da violência deve ser usado no sentido de mostrar que ele não pode ser ‘jaguára’. Com a imposição da lei do Primeiro Comando da Capital (PCC) agindo na cidade de Ponta

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

Grossa, Paraná, o uso da violência é relativizado. Algumas práticas como 'matar' ou 'incendiar' as pessoas que são 'jaguáras' não podem mais ser realizadas, porque na lei do PCC, o que deve prevalecer é a paz entre as vilas.

'Acelerar' é uma prática utilizada no tráfico de drogas por aqueles sujeitos que atuam na cobrança de quem fica em dívida com o tráfico de drogas. A morte e a violência para os adolescentes usuários de crack são relativizadas. O uso da violência pode ser considerado como prática de morte, ou de tirar a vida. Nessa pesquisa a morte é entendida de duas formas, na primeira enquanto presença⁶ (corpo morto) e, na segunda, enquanto prática (homicídio doloso). As evocações relacionadas a morte estão associadas a quatro espacialidades distintas: Vila (66.6%), Rua (14.3%), Casa (9.5%) e Cidade (9.5%). As falas abaixo evidenciam isso:

Conheço alguém que morreu esses dias mesmo, um camarada meu que os piá mataram lá, um tiro na cara e não sei quantos nas costas. Não sei porque cara, as treta deles, daí os cara do Mezomo, daí ele pego e ele conheceu um tal de Vandinho lá e esse Vandinho é um Jaguará daí esse Vandinho começou a bater, um cara forte também, o Gardenal os cara forte, daí esse vandinho apareceu lá na vila lá, daí o Rique falou que esse cara é um Jaguará, falou pros cara, esse cara é Jaguará, ligo pros cara, daí os cara: qual que é a da cena? Daí ele começou a explicar qual que é a da cena. Pra mim quem anda com Jaguará, Jaguará é né daí o Rique ficava de boa né cara, foi lá pra casa da mãe dele no Mezomo daí um dia ele apareceu de moto lá pra matar ele, só que ele não falou nada

ficou na dele assim, o cara chamando ele de jaguára ele ficou na dele, foi no dia o cara foi e matou ele, o cara nem esperava mas pegou e matou né (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de Junho de 2012).

... o cara tentou umas ideia errada, falei oh cara o negócio é o seguinte cara, na hora que o cara menos esperou já entortei três sapêco nas costas dele ta ligado, daí eu fui preso. Fiquei um tempo preso, daí saí já fiz o 157, matei um caminhoneiro com dois tiro assim na garganta (Entrevista realizada com Véio em 28 de Junho de 2012).

Os maluco mataram o Paulinho lá né... os maluco alugaram outro barraco lá no Santa Mônica lá, na entrada do Scheifer lá, ...só que daí o cara diz que tinha o corpo fechado tá ligado esses baguio de sarava, os cara aceleraram ele, amarraram assim e os cara acelerando ele: que maluco foi você que roubou o revolve, não sei que, não sei que, acelerando ele amarrado assim cara, amarrado com a mão pra trás, daí o Robert sempre acelerando ele. Eu não tava nem aí né cara, o revolve nem era meu eu não vou compra cena que nem é minha, nem era meu o revolve e o Robert acelerando ele assim, o Robert acelerô ele assim pá: que maluco já era você vai morrer daí ele começou a chorar assim cara até deu um dó assim na hora sabe, sei lá né, os cara tavam pensando que era o cara mesmo, daí o Robert pegou uma espingarda que tinha no forro que um noinha tinha vendido espingarda por pedra lá, engatilhou a

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

espingarda no peito assim dele bem do lado do coração assim dele, nego o revolve assim ta ligado, fez 'tchec', nem estourou nada, daí o maluco: ih com esses revolve véio vocês não vão me matá, porque diz que ele tinha o corpo fechado essas coisa, o Robert tirou a bala de um cano da espingarda pôs em outro engatilhou pôs na cara, arrancou um pedaço da cara, daí o cara ficou pá assim, só fui tirei o chinelo dele e saí vazado, taquemo fogo na casa e saímo vazado. Altas cena assim cara, embaçado mesmo comenta assim, porque daí de noite o bagulho fica louco (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de Junho de 2012).

A agressividade surge relacionada a obtenção de respeito, cobrança de dívidas, lealdade e afirmação da masculinidade. Contudo, a violência não é uma prática exercida somente pelos meninos dentro do tráfico de drogas, pois a polícia também a exerce. As estratégias de controle e repressão utilizadas pela polícia, cujo objetivo é encontrar o local ou a pessoa de quem os menores compraram a droga, fazem com que os policiais exerçam uma posição de centralidade nas relações de poder entre os meninos. O relato abaixo evidencia estes elementos:

Um dia quando a policia te pega maluco, não aguenta, os cara te arrebetam, dão choque até na tua língua, os cara moiam você assim ta ligado, com água que daí o choque dói mais, para você contar. Ou as vezes pega com uma bucha, eles querem saber onde tem mais, naonde descolo, daonde aquele bagulho foi parar com você de quem você pegou, os cara te arrebetam, ainda mais se

ele souber que os cara, os cara vão na casa assim já sabem quem que é. O cara chega e: oh é esse aqui Estive, ele falam bem assim cara, já chega e já aponta de dedo na tua cara, ô Estive, esse aqui pode amarrar, porque esse aqui vai dar uma volta de viatura com nós e já era os cara te põe no camburão te levam no escurão e você nem sabe aonde, já era cara. Te algemam, te jogam spray de pimenta na tua cara, pancada, choque, os cara louco. Mas isso aí cara... (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de Junho de 2012).

A honra para os adolescentes se estrutura a partir da lealdade em relação ao tráfico. Logicamente, quem resiste as práticas exercidas pelos policiais é considerado alguém de respeito. Feffermann (2006) aponta que os moradores de áreas periféricas (onde a infraestrutura e os serviços são precários) estão sob uma grande vulnerabilidade social e como consequência, estão mais suscetíveis a situações de privações de direitos e desrespeito. A autora alerta que essas condições não podem ser tomadas como definidoras para que essas pessoas pratiquem crimes, mas podem facilitar a expansão de setores ilegais da sociedade, como o tráfico de drogas e a exploração sexual, por exemplo. Feffermann (2006) denuncia que é justamente nesses locais, onde o Estado é 'omisso e/ou violento', que o tráfico de drogas se torna visível, omissivo em relação aos serviços e violento na repressão e força policial ostensiva.

O estudo de Chimin (2006) aponta que a vulnerabilidade é diferenciada entre adolescentes do sexo masculino e feminino. A mesma diferenciação ocorre em pesquisa de Budny (2009) ao evidenciar que no universo

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

das adolescentes do sexo feminino em conflito com a lei na cidade de Ponta Grossa, Paraná, a intensidade no número de infrações como atos de agressão, lesão corporal e 'vias de fato', é maior nas meninas com mais de quatorze anos de idade. Essa autora, ainda revela que infrações relacionadas ao tráfico de drogas, homicídios e porte de armas, se apresentam com maior intensidade no universo masculino, do que no feminino.

Oliveira e Nappo (1998), em pesquisa realizada em São Paulo com usuários de crack apontam que para a metade das mulheres entrevistadas naquela ocasião, a prática da prostituição foi utilizada em troca de crack. Neste caminho, uma das categorias encontradas pelos autores foi relacionada a prostituição compulsória, onde homens negociavam favores sexuais de suas esposas à traficantes (em troca de crack). A pesquisa ainda aponta a atividade sexual entre homens, mas como ressaltam os autores, a recompensa frequentemente era na forma de dinheiro, pois:

não havia um valor fixo para o programa e tampouco pontos de prostituição. A prática de sexo oral foi a mais comum, tendo em vista que segundo os entrevistados, era a modalidade sexual que menos comprometeria sua sexualidade (OLIVEIRA e NAPPO, 1998, p. 668).

Para os sujeitos dessa pesquisa as evocações relacionadas a sexualidade surgem de maneira periférica, principalmente em diferenciações de gênero. O gráfico apresentado no início da seção anterior (referente ao corpo) aponta que 6,7% das evocações estão relacionadas a sexualidade, surgindo a prostituição em meio a essa categoria. De maneira geral, as evocações estão organizadas em dois eixos principais.

No primeiro, a prática de roubo é associada aos adolescentes do sexo masculino e a prostituição ao sexo feminino, tal qual a pesquisa de Oliveira e Nappo (1998). Já o outro eixo, faz uma diferenciação por gênero no tratamento dado por policiais na rua. Algumas falas também indicam a presença de mulheres que comandam as 'bocas⁷':

(...) as menina é mais se prostituí pra fumar na BR, lá na vila mesmo conhecia duas que fumavam, não, tinha três assim cara, tinha altas que fumavam junto comigo assim as vezes [...] se pegar a menina com pedra vai pra pancada também só que é mais doce né cara, não arreventa, mas eles dão umas cassetada assim nessas parte assim, só nessas parte, aqui assim no joelho, eles não dão pancada na cara, tapa, mas eles dão só nos osso assim que dói bem, puxa cabelo (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de Junho de 2012).

Em 1999 o Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA) em importante relatório publicado sobre a exploração sexual infanto-juvenil no Brasil, já apontava que na região sul do Brasil a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes estava relacionada com três pontos críticos: as redes de narcotráfico, o tráfico de crianças e a prostituição nas estradas. Claro que não podemos tomar uma fala para caracterizar um grupo, pois a intenção é apontar que esses fenômenos acontecem e surgiram a partir de algumas falas dos sujeitos dessa pesquisa. O tema da exploração sexual envolvendo crianças e adolescentes já foi objeto de pesquisa⁸ junto ao Grupo de Estudos Territoriais. A fluidez da exploração sexual é bastante grande, aliás, o próprio fenômeno se estrutura a partir dessa

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

fluidez e conforme apontado por Nabozny (2008), ainda se constitui um desafio para o conhecimento geográfico e importante campo de pesquisa para diversas áreas do saber.

Considerações Finais

O processo investigativo é dividido em momentos e revelou que ao contrário das representações homogeneizantes que figuram os adolescentes como vítimas do tráfico de drogas, ou mais especificamente vítimas do crack, estes sujeitos se mostraram ativos, no sentido de buscar o uso do crack como uma possibilidade de transgredir a norma, buscando a ilegalidade, pois usar crack dentro de algumas lógicas se mostra interessante. Ou ainda, entrar para o tráfico de drogas é uma oportunidade de ganhar dinheiro, uma opção de sustento econômico. Contudo, ao fazer essa escolha passam a ser considerados pela sociedade como desviantes e precisam ser corrigidos, limpos, tratados pelos aparelhos de Estado.

A pesquisa evidencia que o crack faz parte do cotidiano de muitos adolescentes moradores de áreas periféricas na cidade de Ponta Grossa, Paraná, uma cena que se repete nas periferias de muitas cidades brasileiras. O uso de drogas por jovens tem sido associado ao aumento da criminalidade urbana. Mas essa pesquisa aponta para outra situação, a violência não está associada diretamente ao uso de crack, mas sim como um agenciamento necessário dentro da lógica do tráfico de drogas, em cobranças de dívidas ou relacionada a obtenção de dinheiro para a compra de drogas, não necessariamente em uma linearidade violência-uso-tráfico. A violência não é uma prática exercida somente pelos meninos dentro do tráfico de drogas, mas também pela polícia. Então se associarmos a violência urbana ao uso ou tráfico de drogas, podemos associá-la a polícia, pois as cidades onde o policiamento é mais ostensivo a violência urbana associada a

adolescentes será maior? Não! A violência surge de forma fluida e relacionada a elementos identitários, é praticada para obtenção de respeito junto a outros grupos da cidade, na lealdade e na afirmação da masculinidade, como uma performance. A honra para os adolescentes se estrutura a partir da lealdade para com o tráfico. Logicamente, quem resiste às práticas exercidas pelos policiais é considerado alguém de respeito.

O próprio corpo nesse contexto ganha outra interpretação, passa a ser prática (MCDOWEL, 1999) relacionada ao uso de crack, uma corporalidade 'cabreira', 'espiada' como os próprios meninos definem. Ser homem - ou mulher, ou simplesmente ser, tal como Butler (2000) considera, é uma prática, a prática de reiterar, de fazer, é performance. O gênero passa a ser entendido como performático e essa concepção foi adotada neste trabalho. Como visto, as práticas violentas podem surgir como performances no sentido de obter respeito de outros grupos e dentro do próprio grupo. Ser homem é não entregar os colegas aos policiais ou a outros grupos rivais, estando relacionado à honra. Já um homem 'jaguára' é associado a um estuprador, aquele em que não se pode confiar de nenhuma maneira, e quem é amigo de 'jaguará', 'jaguára' o é. A ideia de masculinidade é entendida aqui como um elemento importante que compõe a vivência dos adolescentes em suas relações com o espaço, em suas espacialidades.

Os espaços de maior cotidianidade como a casa e a vila estão fortemente vinculados ao uso da droga. A escala do corpo é evocada pelos adolescentes como um espaço que é conquistado e negociado. Suas construções discursivas criam imaginações geográficas inusitadas, paradoxais e complementares entre si, trazendo à tona suas relações de poder móveis e desiguais. A partir das falas, organizadas em relação ao espaço que

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

estavam associadas e distribuídas em categorias discursivas, foi reconstruído um fragmento do cotidiano, ilícito, uma geografia ilícita, a geografia dos adolescentes usuários de crack.

Este artigo foi dividido em três momentos distintos entre si, diferentes pelo objetivo a que foram pensados para responder e diferentes em termos de linguagem e de escrita, elaborados a partir de um desencadeamento que apontou para uma centralidade, uma confluência. Apontou para algo que possibilita o relacionamento de todas as partes vistas acima, cada uma delas interligada compondo um mundo, uma complexidade. São brotos que crescem em meio a uma estrutura de ruas, casas e pessoas. Um mundo 'espiado', 'cabreiro', onde é necessário 'acelerar' a concepção de espaço para entender o mundo dos adolescentes usuários de crack. Além disso, este texto construiu outras imagens de forma que não conta uma história, mas sim, apresenta um mundo que é identificado como ilícito, é aquele dos meninos usuários de crack que estão sendo tratados, limpos e purificados na Comunidade Terapêutica, por serem corpos desviantes. Esse mundo é impossível de ser apreendido em sua totalidade, mas pode ser mapeado, justamente porque é um mundo aberto a diversas possibilidades, é um mundo construído pelos meninos que tive o prazer de conhecer.

¹ Este trabalho é parte da dissertação intitulada 'Espaço espiado: o uso de crack instituindo espacialidades vivenciadas por adolescentes do sexo masculino em Ponta Grossa, Paraná'.

² Proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari o Rizoma é parte fundamental de sua teoria filosófica, ou como os autores chamam, sua não-filosofia. Trata-se de um modelo

epistemológico construído a partir de uma crítica ao pensamento ocidental, baseado em conceitos fundamentais. A ideia de Rizoma foi inspirada na botânica, advindo de tubérculos e bulbos de plantas que conseguem brotar ou se ramificar a partir de qualquer ponto, não necessariamente numa estrutura raiz-tronco-galhos. Os bulbos podem funcionar tanto como raiz, tronco ou galhos, independente de sua localização na estrutura da planta. A analogia para a epistemologia do conhecimento é no sentido de propor um sistema onde não existem raízes ou conceitos fundamentais.

³ Cigarro elaborado com maconha.

⁴ Cigarro elaborado com crack ou raspas do resíduo de crack utilizado no cachimbo.

⁵ Como vimos no Gráfico 1, no início do texto, com 1,5% das evocações.

⁶ Mesmo que filosoficamente a morte seja justamente a ausência da presença, aqui a morte é considerada em relação aos vivos. A morte é entendida enquanto presença de um corpo morto e enquanto prática de tirar a vida, ou de morte. Este assunto é tema da pesquisa elaborada por Fernando Bertani Gomes (2013), que de forma integrada com esse trabalho, procurou compreender: Qual é a relação entre as vivências espaciais de jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa - PR?

⁷ Locais de venda de crack e outras drogas.

⁸ Nabozny, Almir. 'A complexidade espacial da exploração sexual comercial infanto-juvenil feminina: entre táticas e estratégias de (in)visibilidade'. Dissertação sob orientação da Prof. Dra. Joseli Maria Silva e foi realizada em 2008, junto ao

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

GETE.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERGSON, Henri. **Essai sur les donnés immédiates de la conscience**. Paris: PUF, 1997.

BORGES, Jorge Luis. **História universal da infância**. 5ª ed. São Paulo: Globo, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.151-167.

BUDNY, Giovana. **Espaço como componente do ato infracional das meninas adolescentes em conflito com a lei em Ponta Grossa – PR**. Ponta Grossa, 2009. Monografia. Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2009, 63 p.

CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **O espaço como componente da vulnerabilidade aos atos infracionais desenvolvidos por adolescentes em conflito com a lei em Ponta Grossa – PR**. 2009. (Mestrado em Gestão do Território) Programa de Pós-graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa - PR.

CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista; SILVA, Joseli Maria. **Espaço, atos infracionais e a criação social dos adolescentes em conflito com a lei**. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 1, n. 2, p. 295 - 308, 2010.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FEFFERMANN, Marisa. **Vidas arriscadas: O cotidiano dos jovens trabalhadores no tráfico**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

FERRET, Maria Pratz; BAYLINA, Mireia; ORTIZ, Anna. **Los lugares de la amistad y la vida cotidiana de chicas y chicos adolescentes en un barrio de Barcelona**. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 3, n. 2, p. 116 - 124, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MCDOWELL, Linda. **Gender, Identity and Place. Understanding Feminist Geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

NABOZNY, Almir. **A complexidade espacial da exploração sexual comercial infanto-juvenil feminina: entre táticas e estratégias de (in) visibilidade**. Ponta Grossa, 2008. (Mestrado em Gestão do Território) Programa de Pós-graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa, Paraná.

OLIVEIRA, Lúcio Garcia de; NAPPO, Solange Aparecida. **Caracterização da cultura de crack na cidade de São Paulo: padrão de uso controlado**. **Revista de Saúde Pública**, p. 664 – 671, 2008.

ROSSI, Rodrigo. **'Malucos da quebrada': territórios urbanos na complexidade espacial cotidiana dos adolescentes homens**

'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa - PR.

em conflito com a lei em Ponta Grossa – Paraná. 2010. (Mestrado em Gestão do Território) Programa de Pós-graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa, Paraná.

ROSSI, Rodrigo; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. Periferias pobres e masculinidades: uma discussão sobre espaço e elementos identitários dos adolescentes em conflito com a lei. In: SILVA, Joseli Maria (Org.). **Geografias Subversivas: discurso sobre espaço, gênero e sexualidades.** Ponta Grossa: TodaPalavra, 2009, p. 211 – 235.

ROSE, Gillian. **Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge.** Cambridge: Polity Press, 1993.

SÁ, Celso Pereira de. **Sobre o núcleo central das representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1996.

Recebido em 22 de maio de 2013.
Aceito em 14 de outubro de 2013.